

**A + B** (24 out. 1886)

A. – “...Nós ontem ouvimos o nobre senador pela Bahia, aliás um parlamentar de talento...”

B. – Eh! Olá! pare, homem!

A. – “...Tão distinto, falar no descrédito do parlamentarismo...”

B. – Pare, pare! Que distração é essa?

A. – Ah! és tu! Vou lendo este discurso do nosso Martinho Campos, que só agora saiu impresso; aqui está; lê comigo.

B. – Não posso. Vou com pressa; vou à cata de notícias.

A. – Notícias de quê?

B. – Há dias correu aqui, que uns dous coronéis ensaiavam o voo para uma revolução no Estado Oriental. Vou saber o que há. Que alguma cousa há de haver, creio; a prova é que o general Santos, prestes a sair para a Europa, resolveu ficar e esperar. Nota que a viagem para ele é indispensável, por causa do ferimento que recebeu, e que exige completa cura; mas, apesar de tudo, o general fica. Eu faria a mesma cousa.

A. – Eu faria outra cousa.

B. – Que farias tu?

A. – Suprimia os coronéis.

B. – Matando-os?

A. – Não, homem de Deus! suprimia os postos; nem coronéis nem generais. Eu faria decretar que todos os filhos de república fossem cabeleireiros. Cabeleireiro, como se sabe, é o mais pacato dos cidadãos de um Estado. Outros que o solapem, que deitem fogo às instituições; o cabeleireiro compõe as cabeças, e, quando muito, abre uma espécie de estrada da liberdade, que alegra a vista, sem alteração da ordem... Mas vamos ao Martinho Campos.

B. – Singular disparate! Mas se todos fossem cabeleireiros, a quem é que eles penteariam, pateta?

A. – Uns aos outros, pateta! reciprocidade capilar, permuta de penteadelas, troca de pomadas. Em vez disso, a república tem os seus coronéis, que aspiram ao governo supremo, como o ex-coronel Santos, embora não tenham o mesmo pulso. Crê nisto; os nossos vizinhos ainda estão na idade geológica do general. Um sujeito que não gosta de Santos, dizia-me há meses, com simplicidade: *No comprendo hombre político sin galones.*

B. – E por isso queres os cabeleireiros?

A. – Sem galões.

B. – Mas então o cabeleireiro não é homem? Não há de aspirar também ao governo do Estado? Quem faz pastinhas não pode distribuir pasta? Perdão, mas tu és capaz de levar-me ao desespero, ao suicídio, ao *calembour*, ao assassinato!

A. – Está bom, sossega, respira. Vamos para este corredor... Não foi nada; respira. Ouve agora o Martinho Campos...

B. – Deixa-me respirar ainda um pouco. Há por aí alguém que nos tivesse ouvido?

A. – Ninguém.

B. – Nenhum desfalque, ao menos?

A. – Nenhum... isto é, não juro. Os desfalques são como as chuvas deste mês; está um céu muito bonito, de repente, zás, uma bátega d'água.

B. – Depois o céu fica outra vez bonito.

A. – Fica ainda mais bonito. E o Martinho Campos também tratou desse ponto, mas sempre exagerado; disse que o caso de Pernambuco é o duodécimo, em três anos, e que isto revela profunda corrupção.

B. – Corrupção profunda é demais; digamos que o passarinho está *faisandé*, ou – portuguesmente –, tem uma pontinha de fedor. Mas, corrupção profunda! Era isso o que querias mostrar-me?

A. – Não; era estoutro ponto. O ilustre senador, falando do parlamentarismo, declarou que este em si é excelente, mas que no nosso país está corrompido.

B. – Corrompido.

A. – Há três opiniões neste negócio: a do senador Uchôa, que o julga inconstitucional, a do senador Leão Veloso, que lhe perdeu a fé, e a do senador Martinho Campos, que o acha corrompido. Qual das três lhe parece melhor?

B. – A melhor é a do meu alfaiate, que não me faz roupa senão por medida. “Se o senhor vestir um paletó do José Telha, disse-me ele no sábado, fica demasiadamente vestido, e depois há de queixar-se do paletó e os seus amigos hão de dizer que o paletó está corrompido, e faz perder a fé – ou então que é inconstitucional...”

A. – Discordo inteiramente, porque um paletó muito largo, ainda que não dê elegância, agasalha. É a opinião de todos os coronéis que se rebelam contra o general Santos; uma vez no governo, é certo que não o largam mais das unhas; mas nenhum deles deitará fora este nome de república, que é um vasto poncho consolador.

B. – *Amen!*

JOÃO DAS REGRAS [MACHADO DE ASSIS]  
[*Gazeta de Notícias*, p. 3, 24 out. 1886]  
Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda